
Ética e estética na representação de mundo, a partir de Wittgenstein

Alexandre Ribeiro Martins

Professor de História e Filosofia na Universidade Santa Cruz

Geraldo Pieroni

Docente do Programa de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado em Comunicação e Linguagens – Universidade Tuiuti do Paraná

Resumo

Wittgenstein no desenrolar de sua filosofia depara-se com uma importante questão, perguntando-se: qual seria o estatuto da vontade humana? Para tanto, percebe a existência de um conceito equivocado de vontade no sentido usual de sua aplicação, construído ao longo do tempo, e justamente partindo deste mote, aponta para vontade enquanto suporte do bem e do mal, atrelando seu sentido a ética. O viés de leitura deste artigo problematizará o estatuto da vontade para Wittgenstein em sua relação com o princípio de causalidade, e daí, suas possíveis implicações com o próprio conceito de mundo e de sujeito volitivo.

Palavras-chave: Vontade. Mundo. Causalidade.

Abstract

Wittgenstein in the course of his philosophy is facing a major issue, asking themselves: what is the status of the human will? To that end, he realizes that there is a wrong concept of will in the usual sense of its application, built over time, and just based on this theme, pointing to the will as a support of good and evil, hitching his sense of ethics. The bias reading of this article discusses the status of the will to Wittgenstein in his relationship with the principle of causality, and hence its possible implications with the concept of the world and willing subject.

Keywords: Will. World. Causality.

1 O estatuto da vontade humana

Wittgenstein, ao deparar-se com a problemática de expressar teoricamente a experiência existencial humana, aponta-nos uma questão fundamental que constituir-se-á objeto deste artigo, a partir da pergunta: “que espécie de estatuto tem propriamente a vontade humana? Eu quero referir, sobretudo, a ‘vontade’ como o suporte do bem e do mal”¹.

Para tanto, Wittgenstein inicia sua reflexão questionando o sentido usual do termo, aplicado à noção de ato voluntário. Neste ínterim, ato voluntário será compreendido por dois componentes fundamentais:

em primeiro lugar, entende a vontade como uma espécie de causa; em segundo lugar, que a causalidade da vontade se exerce no mundo, através do corpo, em ações cujos efeitos são perceptíveis e constituem parte da nossa experiência².

1 WITTGENSTEIN, L. Tagebücher, 1914-1916, Schriften I. Frankfurt am Main, 1980. 27.7.16.

2 THEMUDO. Marina Ramos. Ética e Sentido: Ensaio de reinterpretação do Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein. Coimbra: Livraria Almeida, 1989, p.142.

Assim, temos na vontade a concepção de uma espécie de causa de algo já iniciado, e em desdobramento a esta afirmação, a noção de que a causalidade da própria vontade é exercida por meio de efeitos existenciais. Dessa forma, o sentido usual do termo vincularia necessariamente à vontade com a causalidade.

Contudo, Wittgenstein afirma que:

Imaginemos um homem que não pudesse fazer uso de nenhum dos seus membros, e não pudesse assim, no sentido ordinário do termo, exercer sua vontade. Poderia, contudo, pensar, desejar e comunicar os seus pensamentos a outrem. Poderia, pois, através de outro, fazer o bem e o mal. É evidente, então, que a ética valeria também para ele e que ele seria, no sentido ético, portador de uma vontade³.

É por meio da elaboração desta ideia que Wittgenstein dá os primeiros indícios de dissolução do sentido usual do termo, para tratar da vontade não dependente da ação, já que a ética se aplicaria também para o sujeito que desejasse, mas que não pudesse agir efetivamente em realização do seu desejo.

Como forma metodológica de distinção, Wittgenstein sublinhará o termo “vontade”, sempre que ele aparecer no texto transcrito, bem como a expressão “sentido ético”. Contrapondo a esta

particularidade, a vontade sem grifo ou aspas, aponta para o sentido genérico pelo qual é empregada, como vontade humana em geral.

Esta nuance nos releva um indicador de sentido pelo qual o autor pretende sinalizar, preocupando-se com o uso do termo em diferentes acepções e graduações, imprimindo precisão na aplicação da palavra em cada situação.

O exemplo de Wittgenstein sobre o homem imobilizado tem como premissa inicial a ideia de que o ato voluntário é admitido como uma espécie de causalidade do agente volitivo, uma vez que o chamado sujeito moral, não pode ser responsabilizado, sem que haja o cumprimento dos seguintes parâmetros:

- o pensamento do ato: a sua concepção e a deliberação que se lhe segue (os momentos propriamente intelectuais);
- a decisão;
- a execução: a efetivação do ato, verificada por uma mudança produzida no real⁴.

Contudo, é justamente tangenciando esta questão que emerge a noção de que “a ética valeria também para ele e ele seria, no sentido ético, portador de uma

3 WITTGENSTEIN, L. *Tagebücher, 1914-1916, Schriften 1*. Frankfurt am Main, 1980. 21.7.16.

4 THEMUDO, Marina Ramos. *Ética e Sentido: Ensaios de reinterpretação do Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein*. Coimbra: Livraria Almeida, 1989, p.143.

vontade”⁵. O salto que Wittgenstein dá se funda categoricamente no questionamento de que “há, então, uma diferença de princípio entre esta vontade e aquela que põe em movimento o corpo?”⁶.

Mesmo a exclusividade do fato anômalo não separaria, ao que parece para o senso comum bastante evidente, a vontade da ação vinculada ao agente causador. Logo, esta referência, segundo Marina Ramos Themudo, nos permitirá construir três hipóteses: o da significação falha da própria palavra “vontade” aplicada no senso comum, o fato de que há duas acepções da palavra “vontade” e, neste caso, pode-se perguntar se há uma diferença de princípio entre elas, e por fim, que no processo redutor de natureza fenomênica que capta o núcleo neomático do conceito “vontade”, existe uma intrínseca relação entre pensamento e desejo como certa atividade da vontade⁷.

Para tanto, Wittgenstein conjectura que, teoricamente se fosse concebível pensar num ser

que representasse e não pudesse de modo algum querer, seria então para ele verdade a existência de um mundo sem ética⁸. Mas diante da impossibilidade de aplicação desta conjectura wittgensteiniana, a relação vontade/mundo representa diante de um processo estático e dinâmico, um alicerce fundamental de compreensão.

Diante deste afã vinculado a vontade e mundo, o “topos” da ética residiria, portanto, na relação bipolar preexistente nesta correlação dicotômica, como uma evidência apodítica, compreendida certamente, a partir do senso comum e da visão filosófica.

Diante da dissolução de conceitos usuais para inferir sua definição, Wittgenstein alçará crítica aos *ídola fori*, a começar pelo “homem dos evangelhos”⁹, cujo caminho aponta para a renúncia e da abdicação das ilusões da vontade pessoal, (denominado de *ídola*), atrelado, ainda, ao bem e mal, imputado ao agente. Assim, a positividade ou negatividade das ações dependeria do efeito particular produzido pela sua ação.

5 Id. Ibid., p.144.

6 WITTGENSTEIN, L. Tagebücher, 1914-1916, Schriften I. Frankfurt am Main, 1980. 21.7.16.

7 Sobre esta questão, conferir. THEMUDO, Marina Ramos. Ética e Sentido: Ensaios de reinterpretação do Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein. Coimbra: Livraria Almeida, 1989, p.145.

8 Sobre esta questão, conferir. THEMUDO, Marina Ramos. Ética e Sentido: Ensaios de reinterpretação do Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein. Coimbra: Livraria Almeida, 1989, p.146.

9 Sobre a referência de Wittgenstein ao “homem dos evangelhos”, conjecturo uma possível relação com a moralidade de Tolstói, em *Abregé de l’Évangile*. Texte présenté, établi, traduit et confronté avec l’Édition synodale et la Bible de Jérusalem para N. Weisbein. Paris: Éditions Klincksieck, 1969, inferindo uma moralidade materialista, na emergência da vontade espiritual, na libertação da alienação narcísica do desejo como salvação, sem perspectiva sobrenatural.

Segundo esta premissa, a moral é reduzida ao *fazer*, cujas consequências seriam pontualmente mensuradas a partir dos critérios estabelecidos, ao passo que a personalidade moral estaria atrelada a um caráter adquirido por um novo *habitus*.

Todavia, esta concepção esconde que o sujeito moral, mais do que agir sobre o mundo, *tem* um mundo, como escreve Wittgenstein: “o mundo do homem feliz é diferente do mundo do homem infeliz. O mundo do homem feliz é um mundo *feliz*”¹⁰.

Fundamentada em tal afirmação, se imbricam vontade e mundo, pois, o próprio mundo é fruto de uma vontade, logo, não existe um agir sobre o mundo enquanto pressuposição de existência de dois campos distintos, mas sim, um agir que configura a própria concepção de mundo.

Wittgenstein afirmará sistematicamente, referindo-se a esta questão: “mas é claro que o elo causal não é de modo algum um elo”¹¹. Pois, não existem elos que unem diferenças, já que não tratam-se de dois sistemas, mas somente um. Da articulação da vontade com o mundo, desdobra-se outro importante fator a ser analisado, na relação da ética com a estética, conforme trataremos a seguir.

10 WITTGENSTEIN, L. *Tagebücher, 1914-1916, Schriften 1*. Frankfurt am Main, 1980. 29.7.16.

11 WITTGENSTEIN, L. *Tagebücher, 1914-1916, Schriften 1*. Frankfurt am Main, 15.10.16.

12 *Id. Ibid.*, 20.10.16.

13 THEMUDO, Marina Ramos. *Ética e Sentido: Ensaios de reinterpretação do Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein*. Coimbra: Livraria Almeida, 1989, p.149.

1.1 A ética e a estética na relação “vontade” e mundo

Da relação causal da vontade com o movimento do corpo, emerge uma problemática pertinente para Wittgenstein, em que o estético e o ético se equivalem, pois “o ponto de vista estético sobre o mundo consiste essencialmente na contemplação do mundo por um olhar feliz? A vida é séria, a arte serena”¹².

Diante deste arcabouço teórico, evidencia-se uma ordem manifesta pelo mundo enquanto uma totalidade ordenada. Logo, o exercício desta ordem implicaria em algo que transcende o sujeito humano e particularmente o sujeito humano volitivo.

É por isto que Maria Ramos Themudo afirma que “a ordem e a sucessão dos factos da percepção sensível exista, eis o mundo, mas eis igualmente o milagre; o que é assim, poderia ser de um outro modo, em possibilidades infinitas de outras ordenações”¹³.

O ser volitivo se confronta, portanto, com o reconhecimento da existência de regularidades com as quais conta na vida cotidiana, mas para Wittgenstein, isso não implica que exista nexos causal, ao passo que, os acontecimentos do mundo são independentes uns

dos outros, assim como a vontade independe, em sua essência, de sua aplicação causal.

Uma vez reconhecida a possível irrealidade do elo causal entre a vontade e o corpo, em que medida podemos encontrar um critério que nos permita efetivamente atribuir um sentido à diferença estabelecida geralmente entre os comportamentos sofridos e aqueles que nós nos imputamos e dos quais nos consideramos autores?¹⁴

Primeiramente, Wittgenstein afirma que “é, por assim dizer, claro que nós precisamos para a vontade de um ponto de apoio no mundo”¹⁵, pois, a própria vontade “sempre reporta-se a uma representação”¹⁶. Com efeito, torna-se possível a verificação de que a relação da vontade e mundo, no sentido usual, é uma relação antes de causa e efeito.

O ato voluntário vincula-se a correspondência de alteração no mundo, como representação de um efeito produzido. No entanto, Wittgenstein irá aprofundar esta afirmativa apontando para “(...) os sentimentos que me asseguram que um ato voluntário se efetuou, têm alguma propriedade específica que os distinga das

outras representações?”¹⁷. “Parece que não”¹⁸ responde o próprio Wittgenstein.

Nada, pois, ao nível da sensação legítima a distinção entre ato voluntário e um ato reflexo, remetendo somente a distinção ao nível psicológico, na motivação da ordem do desejo.

Bouveresse, interpretando esta questão problematizada no *Tagebücher*, afirma que:

Segue-se, evidentemente, que nenhum acontecimento pode ter lugar no mundo, porque eu o tenha querido. Entre o ato da vontade como fenômeno e a ação querida como fenômeno resultante, não pode, com efeito, haver elo mais essencial que aquele que existe, de um modo geral, entre dois fenômenos a que nós chamamos respectivamente ‘causa’ e ‘efeito’¹⁹.

Assim sendo, inferimos que os próprios acontecimentos do mundo não têm outro sentido senão aquele que o mundo, enquanto portador de uma certa e determinada ordem, lhes confere, uma vez que a causalidade é o meio pelo qual o mundo se manifesta, isento em si de conceitos como bom ou mau, pois, Wittgenstein já afirmava que:

14 Sobre esta questão, conferir: THEMUDO. Marina Ramos. *Ética e Sentido: Ensaios de reinterpretação do Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein*. Coimbra: Livraria Almeida, 1989, p. 151.

15 WITTGENSTEIN, L. *Tagebücher, 1914-1916, Schriften 1*. Frankfurt am Main, 4.11.16.

16 Id. *Ibidem*.

17 Id. *Ibidem*.

18 Id. *Ibidem*.

19 BOUVERESSE. J. Wittgenstein: La Rime et la Raison. *Science, Éthique et Esthétique*. Paris, 1973, p.119-120.

*uma pedra, um corpo de um animal, o corpo de um homem, o meu próprio corpo, tudo isto se encontra num mesmo plano. Eis porque tudo o que acontece, quer seja em função de uma pedra ou do meu próprio corpo, não é bom nem mau.*²⁰

A visão axiológica e hierarquizante do mundo mostra-se, à luz desta nova compreensão wittgensteiniana, verdadeiramente mistificada, no sentido de que pressupõe a falsa realidade de uma ação da vontade sobre os acontecimentos mundanos e a superioridade ontológica do homem, tornando portanto, supérflua a concepção substancialista do sujeito da vontade como suporte necessário do ato da vontade.

1.2 O mundo como representação e vontade

Diante da dissociação dos termos desejar e querer, Wittgenstein aponta que o próprio desejo já não seria um ato da vontade?²¹ A vontade é então

(...) a representação da realização de uma ação orientada para um objeto; o desejo, a representação de uma ação a realizar orientada para um objeto. O desejo não é puro apetite, mas integra já a

*representação; conseqüentemente, ascende à consciência e, dado o seu caráter de projeto, atinge a dimensão do conhecimento. De um modo mais evidente e claro, compreende-se que as mesmas características pertençam de direito à vontade*²².

Seria, pois, o ser volitivo, situado em uma existência que não se deve a si própria e que faz parte de um mundo de correlações, representativas, cuja ordem não comanda. Wittgenstein ao deportar-se a esta conclusão, aponta que: “o mundo é-me *dado*, quer dizer, a minha vontade penetra no mundo do exterior, como nalguma coisa pronta”²³.

A impotência da vontade que ascende neste ponto tangencia sua definição na impossibilidade de anular os caracteres fundamentais e essenciais da existência, e em desdobramento a esta afirmação, a impossibilidade de separar ou anular qualquer dimensão da estrutura do ato, presentificado como pensar e desejar, contudo, enquanto atividades da própria vontade.

O mundo é, portanto, ao mesmo tempo representação e vontade, uma vez que se manifesta enquanto objeto intencional da vontade e representação, possível de

20 WITTGENSTEIN, L. Tagebücher, 1914-1916, Schriften I. Frankfurt am Main, 12.10.16.

21 Id. Ibid., 21.7.16.

22 THEMUDO. Marina Ramos. Ética e Sentido: Ensaios de reinterpretação do Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein. Coimbra: Livraria Almeida, 1989, p. 165.

23 WITTGENSTEIN, L. Tagebücher, 1914-1916, Schriften I. Frankfurt am Main, 8.7.16: tradução minha do original: “Die Welt ist mir gegeben, d. h. mein Wille tritt an die Welt ganz von außen als an etwas Fertiges”, uma vez que a tradução da THEMUDO. Marina Ramos. Ética e Sentido: Ensaios de reinterpretação do Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein. Coimbra: Livraria Almeida, 1989, p. 166, aplica conceitos heideggerianos como já-af ou ainda, ser-no-mundo, inferindo associações entre Heidegger e Wittgenstein, pelas quais não comungo neste trabalho.

uma metafórica definição como “vontade alheia” que se nos opõe²⁴.

É por isso que o querer é inconcebível sem seu objeto intencional, o mundo; mas este é também inconcebível sem o ato intencional da vontade, já que a vontade neste ínterim, significa a própria vida.

Wittgenstein usa um exemplo aparentemente simples, contudo, carregado de sentido, quando afirma uma espécie de jogo de espelhos, refletindo o desejo à vontade e a vontade ao pensamento, numa dinâmica inconsciente e necessária, pois, se privado desta correspondência, um homem estaria privado de sua própria vida.

Da mesma forma, nos é possível aplicar este exemplo, a partir agora do pensar, do desejar e do agir, pressupondo que

(...) o todo estivesse sempre presente na parte, do mesmo modo, a relação deste ato com o mundo implica um mesmo movimento de compreensão: os dois elementos da relação implicam-se tão intimamente que, de cada vez que eu penso um dos dois separadamente, é a sua relação estrutural que se torna presente²⁵.

Enfim, quanto mais Wittgenstein distingue sua concepção de “vontade” com o sentido usual e aprofunda seus desdobramentos teóricos, mais se distancia a aplicabilidade de causalidade, uma vez que, a própria causalidade ainda que aplicado ao ato voluntário, conforme vimos, não pode ser dissociada do sujeito volitivo no mundo, apontando, portanto, que o estatuto da vontade humana é antes, um estatuto existencial do próprio homem, limitado pela sua linguagem e capacidade de significação.

24 WITTGENSTEIN, L. Tagebücher, 1914-1916, Schriften 1. Frankfurt am Main, 8.7.16.

25 THEMUDO. Marina Ramos. Ética e Sentido: Ensaios de reinterpretação do Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein. Coimbra: Livraria Almeida, 1989, p. 168.

Referências

- BOUVERESSE, J. Wittgenstein: La Rime et la Raison. Science, Éthique et Esthétique. Paris, 1973.
- DELGADO, Pilar López de Santa Maria. Introducción a Wittgenstein: sujeito, mente y conducta. Barcelona: Editora Herder, 1986.
- FAUSTINO, S. A experiência indizível: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein. São Paulo: UNESP, 2006.
- JANAWAY, C. Cambridge companion to Schopenhauer. Cambridge: Cambridge University, 1999.
- SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e como representação. 1º tomo. Trad., apres., notas e índices: Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.
- _____. O mundo como vontade e representação. In: SCHOPENHAUER. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Os Pensadores)
- THEMUDO, Marina Ramos. Ética e Sentido: Ensaio de reinterpretação do Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein. Coimbra: Livraria Almeida, 1989.
- TOLSTOI, L. N. *Abregé de l'Évangile*. Texte présenté, établi, traduit et confronté avec l'Édition synodale et la Bible de Jérusalem para N. Weisbein. Paris: Éditions Klincksieck, 1969.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. Tagebücher, 1914-1916, Schriften 1. Frankfurt am Main, 1980.
- _____. Tratado lógico-filosófico: investigações filosóficas - 3ª Edição. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.